

# 1 Apresentação

Nas últimas décadas os produtos audiovisuais vêm sendo regularmente utilizados pelos docentes como recursos pedagógicos disponíveis para o trabalho em sala de aula. Entre estes recursos, os filmes têm aparecido com destaque no ensino de história realizado na educação básica, entre outras razões, por sua potencialidade para resgatar o tempo em suas múltiplas dimensões (modos de ser, viver, agir, sentir, pensar etc), tanto no plano da vida privada quanto no plano da vida social; por sua capacidade para mobilizar o imaginário e a emoção como elementos presentes na construção humana, ou ainda, pela ampla liberdade que o campo da temática histórica oferece de ser articulado tanto ao âmbito do filme de ficção como ao de não-ficção (documentário). Deste modo, o estudo do lugar que o cinema tem ocupado no ensino de história justifica-se como objeto de estudo na educação.

Por sua vez, a relação cada vez mais estreita entre educação e mídias e o uso cada vez mais freqüente das Tecnologias da Informação e da Comunicação com finalidades educativas vêm exigindo da Educação a configuração de linhas de pesquisa especificamente voltadas para esta temática. Uma das frentes em que a pesquisa educacional tem investido nos últimos anos, diz respeito ao mapeamento e análise de práticas de uso das mídias em contextos educativos, de modo a compreender melhor as possibilidades, os limites e as implicações dessa interação. Este trabalho vem se somar às iniciativas já implementadas nesse campo de estudos, procurando descrever e analisar como o filme vem sendo utilizado no espaço escolar.

A escolha do tema deve-se a três elementos que se somaram ao longo de minha vida pessoal. Uma educação para o cinema na adolescência, fruto da convivência familiar. A percepção paralela dos aprendizados que o cinema me oferecia na construção de um determinado conhecimento histórico, confirmado ao longo da vida adulta e profissional. Finalmente, o retorno positivo como docente da exploração pedagógica do cinema no ensino de história em meus anos de trabalho em sala de aula atuando com adolescentes, jovens e alunos do curso de licenciatura em história.

Ao procurar iniciar esta apresentação fui aos recôncavos de minhas memórias pessoais e imagéticas, investigar qual teria sido a primeira imagem que tive do cinema, empreendimento que, de forma consciente, nunca havia feito antes.

O que encontrei foram cartazes, presos a cavaletes, dos filmes de faroeste e de terror que iriam passar naquela ocasião em um dos pouquíssimos cinemas, senão único, da pequena cidade nordestina em que nasci e vivi até os sete anos.

Como criança sem recursos para adentrar aquele espaço, ele permaneceu para mim, por um longo período, como um templo de mistérios e de sonhos impossíveis... Vejo hoje, que não estava de todo enganado.

Foi preciso uma longa e perigrinosa viagem, o que parece ser a sina de uma boa parte de nordestinos que conseguem sobreviver, e de uma nova morada, agora no que se chamava à época com enorme convicção de Cidade Maravilhosa, para um dia, já na adolescência, ter o prazer, de fato, de ser apresentado à magia da sala escura e ao impacto da tela grande e, junto com elas, a “O gordo e o magro”, o genial Carlitos, “2001, Uma odisséia no espaço”, a Jack Nicholson de “Um estranho no ninho” e tantos outros.

Embora tendo usufruído muitos prazeres na vida escolar, entre eles, as aulas de história, para a qual decidi vir a ser professor com doze anos de idade, filmes não fizeram parte deles. Posso perdoar meus professores de então, pois não se tinha na década de 70 os meios tecnológicos de que dispomos hoje para o uso de filmes na escola. Se o cinema não vinha à escola, nós, alunos, íamos ao cinema.

Assim, com os colegas e amigos de colégio, o cinema saía, aos poucos, da seara familiar e tornava-se um espaço onde, junto com os filmes, partilhávamos conagraçamento, amizade, brincadeira e, mesmo que ainda de uma forma embrionária, conhecimento.

À medida que o tempo passava e meus vinte anos se aproximavam fui cada vez mais incorporando obras filmicas mais complexas e que, de algum modo, se remetiam a cenários históricos como “Corações e mentes” sobre a Guerra do Vietnam; “Outubro” sobre a Revolução Russa; “1900” sobre a história da Itália em boa parte do século XX; etc. Enfim, o cinema foi ganhando presença em minha vida como fonte de leituras a respeito da História, incluindo aí, aquelas

que traziam referências acerca da história da sociedade brasileira, como “Vidas secas”; “Os anos JK”; “Jango”; “Cabra marcado para morrer” e tantos outros.

De certa forma, ao escolher estudar História em um curso universitário, percebia que carregava comigo a experiência de ter no cinema uma fonte de estímulos e de conhecimentos sobre essa área do conhecimento humano, ainda que em sua livre expressão artística.

O ambiente acadêmico que pude usufruir não se demonstrou sensível à arte cinematográfica. Não tenho sequer uma única referência que pudesse indicar alguma lembrança de articulação ou estímulo de minha formação universitária ao universo daquela forma de expressão artística, seja como reflexão estritamente teórica seja tomando filmes como suporte de trabalho dos professores.

Desta vez, não podia nem julgar que isso se desse por ausência de meios tecnológicos. Então, primeira metade da década de 80, já tínhamos as fitas VHS e o videocassete propiciando o uso de filmes em sala de aula. Mais uma vez, repetia-se a máxima do período de formação escolar: se o cinema não vinha à universidade, nós alunos, entre eles, grandes amigos, íamos a uma de nossas fontes estéticas.

Esse foi um momento de contato especial em minha vida com a produção cinematográfica. Tudo que tinha condições e atração por assistir, me permitia ser levado. Federico Fellini, Luis Buñuel, Andrzej Wajda, Kieslowski, Woody Allen, Peter Greenaway, Bernardo Bertolucci, Akira Kurosawa, Dennis Arcand, Eduardo Coutinho, Ettore Scola, Stanley Kubrick, Emir Kusturica, Theo Angelopoulos, Giuseppe Tornatore, os irmãos Tavenier, Pedro Almodóvar, Ken Loach, Sergio Leone e tantos mais, sempre assistidos nas insuperáveis salas sagradas de cinema. A abertura do, hoje, Estação Botafogo, e suas preciosas programações e festivais de cinema sempre me foram à época uma fonte renovada de contato com o que julgava ser o melhor do cinema distribuído no Brasil.

Como amante do cinema nunca tive qualquer preocupação especial com que o filme devesse se remeter a temas históricos, ainda que também a esses ficasse atento e desejasse conhecê-los, em especial, a partir do momento em que iniciei minha vida profissional como docente do ensino fundamental e médio, além de trabalhar, a partir de um determinado período, também com licenciandos de História.

Aliás, foi como licenciando que iniciei minha trajetória de uso do filme no espaço escolar. Ao realizar minhas aulas no Colégio de Aplicação da UFRJ com vistas a concluir a formação de licenciatura, escolhi como uma das minhas atividades explorar o filme “Revolução de 30” de Sylvio Back. De alguma forma, estava realizando ali o encontro de duas paixões pessoais: o cinema e o ensino de história para adolescentes e jovens.

Lembro-me que em meus primeiros anos já como docente daquele colégio, movido por puro encantamento e a percepção de que aquilo poderia dizer alguma coisa à garotada, sempre iniciava as aulas de segunda-feira, no ensino médio, estimulando os alunos a assistirem aos belos filmes que havia saboreado no final de semana. Mesmo sem obviamente contar-lhe as histórias, muitos demonstravam no brilho dos olhos o contágio por meu prazer e o desejo de conhecer aquelas obras filmicas. Inúmeras vezes, o movimento se invertia e eram os alunos que me informavam de uma nova e preciosa descoberta naquela arte.

Em meio a esse movimento, ao longo dos anos fui trazendo para a sala de aula com a regularidade possível, o que encontrava de filmes que julgasse com a qualidade exigida por mim para que pudesse trabalhar com os alunos articulando-os aos conteúdos de história e, outras vezes, me permitindo trabalhá-los em função de algum tema que entendesse valioso para sua formação humana, ainda que não tivessem uma relação tão estreita com a programação de história, de modo especial, filmes que me permitissem trabalhar questões relativas à construção de valores que tem a ver com a formação e o exercício da cidadania e também ao respeito e a defesa dos direitos humanos.

No entanto, o que foi e tem sido mais comum nesses anos até a presente data é poder combinar os dois propósitos, ao trabalhar os conteúdos de história articulá-los à construção de valores e, assim, ao exhibir os filmes que escolho, trabalhar esses campos temáticos interligados.

Encaminhando-me para finalizar esta apresentação, faço alguns registros. O primeiro deles, que este exercício e trajetória de trabalho com filmes, apesar de ter uma marca muito pessoal, se beneficiam das condições de trabalho que me tem sido oferecidas por minha equipe e pela instituição pública na qual exerço minhas atividades docentes, além das contribuições de meus próprios alunos e licenciandos.

O segundo registro é que a perspectiva de estudar a presença do cinema na escola, assim como, a presença da escola no cinema, é algo que comparece em meu imaginário há muitos anos, seja por estímulo do contato com o cinema seja por inspiração de meu trabalho no espaço escolar, portanto, aqui, a primeira possibilidade se materializa na forma de um esforço de debruçar-se sobre a perspectiva de professores de história a respeito da presença da arte cinematográfica no ensino de história que se dá na educação básica.